

Ilustríssimo Senhor...

por José de Oliveira Messina
Presidente do Colégio Dante Alighieri
ex-aluno 1934/1946

Aquela manhã em que deixara sua cidade natal não lhe saía do pensamento. Terminara, na escola, o segundo ciclo e se vira compelido a afastar-se dos seus e de todos para continuar os estudos já no nível universitário.

Na modesta estação ferroviária, onde a parada do trem ocorria uma vez por mês, reuniam-se a família, como-vida, e as não menos tristes amizades mais íntimas, que tentavam, com palavras sem efeito, confortar as lágrimas que brotavam já de saudade do único filho, que então partia para a cidade grande.

O pai, de nome Generosu, e a mãe, de nome Amorosa, eram proprietários de um empório de secos e molhados, único estabelecimento do gênero no município de Corumbataí. À época, comerciava-se por meio de cadernetas, em que diariamente eram anotadas as compras. No papel, ao lado das espécies, o tanto de mil-réis. No fim do mês, Amorosa, encarregada do somatório, apresentava a Generosu os respectivos totais. Este, nos dez primeiros dias do mês seguinte, já deveria ter completado as cobranças. Tal etapa, contudo, não era totalmente concluída. Os inadimplentes eram muitos.

Nesse período, Amorosa, senhora baixota e re-

chonchuda, de rosto bondoso e sorridente, era procurada em sua casa térrea, simples, mas bem arrumadinha. Na frente, um pequeno jardim descobria um canteiro de rosas, e um terraço abrigava uma pequena mesa de vime com duas cadeiras.

Era nessa dependência que ela se postava, após a sesta sagrada, à espera das comadres e dos compadres devedores que lhe vinham solicitar prorrogação do prazo para o acerto de contas. Não havia muro nem portão. Da calçada, no trecho pavimentado com tijolos, entrava-se diretamente na propriedade.

Aqueles dias do mês eram de sofrimento para Generosu. Imigrante italiano saído da região calabresa, viera para o Brasil nos idos de 1920, após a 1ª Grande Guerra, e fora trabalhar na agricultura, conseguindo, com bastan-

te esforço, juntar economias e adquirir o que ele, com entusiasmo, chamava de *la bella e sudata mia casetina*. Seu linguajar misturava os dois idiomas latinos. *Não vejo difficoltà em falare o brasiliano*. Seu nome não refletia o seu ser. Não era generoso com ninguém, nem sequer com sua *fanciulla* Amorosa, a quem recomendava que não tivesse dó de ninguém. Dizia ele: *o debitore não comeu? Por que acato roupa nova? Por que fuma? Por que joga u tre sete? Por que jogou no bicha?...* e os porquês deixavam

“À época, comerciava-se por meio de cadernetas, em que diariamente eram anotadas as compras. No papel, ao lado das espécies, o tanto de mil réis. No fim do mês, Amorosa, encarregada do somatório, apresentava a Generosu os respectivos totais. Este, nos dez primeiros dias do mês seguinte, já deveria ter completado as cobranças. Tal etapa, contudo, não era totalmente concluída. Os inadimplentes eram muitos.”

Amorosa desnorreada, sem saber o que fazer. Porém, com o jeitinho que as santas mulheres têm de amansar as feras, Amorosa ia contemporizando.

Ela era siciliana de Palermo, devota de Santa Rosália. Já havia assimilado a índole das amigas brasileiras. De tudo tinha pena, mormente quando se tratasse de cuidar de crianças e idosos. Mantinha o dialeto siciliano nas conversas com Generosu (era talvez a razão pela qual ele se expressava mesclando idiomas com dialetos). Em questão de dinheiro, ela era tolerante. As famílias tinham muitos filhos. Como poderia ela privar as crianças do leite e do pão?

Naturalmente, esses impasses geravam atritos entre o casal, que só tinha um *maschio*.

– *Vedi, Amorosa, io solo quisi tere un figlio. Pichi ilos non fizerono a stissa cosa? Adesso vano a se queixari pu pároco...*

Ela, cabeça baixa, que quisera ter tido também uma *bambina*, mantinha-se em silêncio.

Todo esse cenário vinha à memória de Genarino, que, agora inquilino numa pensão no centro da capital de São Paulo, ingressara na Faculdade do Largo de São Francisco influenciado fortemente por seu pai, que temia *gli avvocati*. Generosu teria no filho um defensor.

Desde a infância, Genarino fora muito estudioso. Ir à escola, ver outros meninos e meninas – sobretudo para ele, filho único – era um divertimento. Sua assiduidade e comportamento mereciam das professoras contínuos elogios na ca-

derneta escolar. A mesma conduta ele manteve na capital. Apreciava a boemia universitária, mas não se deixava envolver por ela. Fez política, participou das peruadas e das “penduras”. Fez discursos no território livre. Enfrentou a ditadura.

Regularmente, durante os cinco anos do curso, mantinha correspondência com a mãe, que sabia modestamente ler, mas magistralmente contar. Quando chegava carta na estação, Generosu vinha festejando e anunciando: *u figliu escreveu, escreveu...* Amorosa ficava até mais leve, vinha ao encontro do *vecchio* e, no terracinho do lar, punha-se a ler pausadamente as notícias. Repetia as novidades, enquanto Generosu, ao saborear as palavras, a interrompia dizendo: *come... come...* A emoção era muito forte...

Nesse momento, o armazém permanecia cerrado. Nem mesmo as emergências eram atendidas. Todos que passavam diante da casa percebiam que o casal estava em reunião privada, e não ousavam perturbá-lo.

Os cinco anos da academia custaram a passar..., mas passaram. Um dia, enfim, chegou a carta anunciando o retorno do *avvocato* Genarino.

– *Amorosa, Amorosa, guarda u nostru figliu, come crisciui, tene até, até u bafino, ilo chega, ilo chega... festa, Amo...* Generosu percebera que, no interior do



envelope, havia uma coisa mais grossa. Não teve paciência, e logo o abriu por completo. Lá dentro, uma foto do idolatrado *fighiu*, com a roupa de *pre-te!* Que coisa estranha, pensou ele. *Gená tem que esplicare! Sarà che se enganamos?*

A mulher, aflita, ao ler a escrita, ameaçou ter um chilique, mas logo se recompôs, dizendo, com voz meiga: *u Genarino chega na Domenica, cu treno das onze horas!*

Não é preciso dizer que a notícia correu, e o lugar-rejo, com pouco mais de mil almas, alvoroçou-se.

O prefeito, o padre e o médico, tão logo ficaram cientes do acontecimento, avocaram a si o dever de promover a recepção. O alcaide destacou a bandinha para estar presente na estação, que ficaria embandeirada. Era o primeiro filho bacharel da cidade, que a ela retornava agora como advogado para defender, além dos interesses da família, seus direitos comunitários. Imagine-se a satisfação dos pais de Genarino.

Chegou o esperado momento. Pode-se dizer que a pequena localidade, após a missa com

número de fiéis nunca visto, dirigiu-se em bloco para estação, que, lavada, merecera cuidados até nos vidros, cuja transparência passou a permitir que seu chefe divisasse a composição a mais de 200 metros, para além de onde fazia-se soar o toque do apito que confirmaria sua parada. Ao chefe, cumpria-lhe desviar o comboio para os trilhos, girando a chave da entrada que o colocaria no passeio da estação.

A bandinha, com cinco figuras uniformizadas, testava seus instrumentos de percussão e de sopro, além de fazer o ajuste da sanfona. A tarantela deveria estar presente. A composição era o hino nacional para os descendentes italianos e, portanto, também para o bacharel Genarino. Todos, no íntimo, desejavam ser os primeiros a gritar: lá vem o trem..., lá vem ele! Mas o alerta veio mesmo do

chefe, que, acostumado a viver mensalmente aquele momento, percebera, à longa distância, a fumaça que começava a tisonar de cinza o ar límpido e fresco, iluminado pelos raios do Sol ainda não escaldantes, naquela manhã de regozijo.

Atentos ao sinal, os músicos deram vida aos seus instrumentos, e as senhoras passaram a ajeitar os cabelos e a empertigar os fortes portes. Algumas, mais vaidosas, retocavam o rosto com pó de arroz e carmim (este para colorir as maçãs que haviam empalidecido), e outras, moçoilas (havia pouco ainda meninas), mostravam-se ansiosas para rever o janota que as deixara ainda imberbe.

Aproximava-se a composição. O maquinista deu o apito, sinalizando para os carros de boi, charretes, e eventuais muares soltos, que não lhe cortassem a frente. Sem nenhum incidente, ele freou o trem. A liberação da pressão do vapor d'água formou uma nuvem branca envolvendo o alegre cenário.

Os pais foram os primeiros a abraçar o jovem Genarino. Os beijos da mãe estalavam na face do filho, umedecidos pelas lágrimas da emoção.

Finalmente, os demais presentes tiveram a oportunidade de abraçar e cumprimentar calorosamente o recém-chegado, precedidos, naturalmente, pelo aperto de mão das autoridades maiores – o prefeito, o médico – e pela benção especial do pároco, que não tiveram muito tempo para fazer perguntas ao novel advogado dada a multidão que acorrera à estação. Por último, aproximaram-se dele as esperanças jovens, procurando conquistá-lo com sorrisos pré-estudados diante do espelho. Não percebiam, no entanto, que ainda era cedo para qualquer comprometimento do mancebo.

De fato, pensava ele no exercício da profissão e na formação do patrimônio para poder constituir família. O que animara as casadouras foi terem verificado que, na mão direita, o dedo anular não

“O quarto dele estava todo mudado. Os móveis, todos novos: a cama maior, dois armários (ambos com espelhos ovais), uma mesa de escritório com cadeira giratória, e todos os utensílios necessários para o profissional exercer seu trabalho. Lá estava também o bloco de papel sulfite – com o nome Genarino Scogliomiglo, precedido do título Advogado –, ao lado dos devidos envelopes, em que igualmente se estampavam o nome e o endereço. Sobre a mesa, outra surpresa: uma mala escura.”

exibia sinal de vínculo que o prendesse a algum coração da capital. Os pais de Genarino, durante sua ausência, tampouco escondiam a preocupação com a possibilidade de o jovem se precipitar e retornar até casado. Naquele tempo, contavam-se muitas histórias a respeito de jovens que haviam deixado seus rincões para estudar nas grandes cidades, e que, ao retornarem, apresentavam também outro diploma, a saber, o de família já em franco progresso.

Portanto, a chegada de Genarino sem compromissos dessa natureza, com o rapaz empunhando apenas o canudo de bacharel da faculdade onde estudara Ruy Barbosa, tranquilizou seus pais. Antes de deixar a estação, o jovem advogado lançara algumas palavras de agradecimento aos presentes, tratando a todos com as expressões protocolares de Excelência, Ilustres, Minhas Senhoras, Meus Senhores.

– Como ele fala bonito, que educação, o menino ficou diferente!

Chegados ao lar, Generosu foi mostrar ao filho as novidades. O quarto dele estava todo mudado. Os móveis, todos novos: a cama maior, dois armários (ambos com espelhos ovais), uma mesa de escritório com cadeira giratória, e todos os utensílios necessários para o profissional exercer seu trabalho. Lá estava também o bloco de papel sulfite – com o nome Genarino Scogliomiglo, precedido do título Advogado –, ao lado dos devidos envelopes, em que igualmente se estampavam o nome e o endereço. Sobre a mesa, outra surpresa:

uma maleta escura.

Genarino, curioso, quis saber o que era. Generosu, percebendo o olhar interrogativo do filho, lhe disse: *apri, apri, vedi a tua arma di lavoro!* Assustado com a palavra “arma”, pois sabia que o pai tinha sangue quente, abriu a fechadura e, ato contínuo, sorriu: lá estava realmente o principal instrumento para o advogado, a máquina de escrever. Ambos se abraçaram, tudo sob o olhar maternal de Amorosa. O grande dia terminou e, noite já feita, todos se recolheram.

O dia amanheceu com o trinar dos canarinhos engaiolados no terraço da casa. No pequeno jardim, os lírios atraíam beija-flores. Café com leite, pão, manteiga e queijo com goiabada esperavam por Genarino, que se levantaria mais tarde, bem depois de seus pais. Generosu fora cedo ao armazém, onde todos perguntavam por seu filho.

As mães das pretendentes naturalmente queriam saber se o filho tinha namorada. Para elas, as respostas eram azedas, com o propósito de tirar qualquer esperança das interessadas. Com seus botões, o pai pensava: *ma su loqui questa gente, o avvocato tene che guadagnar i*

soldi... Generosu estava preocupado porque o filho não aparecia... Onze horas, anunciavam os sinos da igreja.



Mas, sem mais tardar, surgiu o advogado.

– *Figghiu, figghiu, trasi, trasi, che giogia.* Benção pedida pelo filho, abraço apertado.

– *Sape, u papà già ti arrangiou mutas questiones.*

Não entendendo bem aquela colocação, dr. Genarino pediu mais explicações ao agitado pai. Este, então, apresentou-lhe uma caixa de sapatos em que estava arquivada mais de uma centena de cadernetas de devedores do armazém.

– *Mio figghiu, ilos mangiam, bebeno, e non pagano. A mamma Amo dilos desistiu, ma io nó!*

Assim, com um sorriso estampado no rosto enrubescido, deixou nítida sua satisfação em ser o primeiro cliente do *figghio bello du papà*.

Dr. Genarino ponderou ao pai se não seria falta de ética a determinação de contrariar a *mamma*, que, segundo dava a entender, havia perdoado os devedores.

Generosu, visivelmente perturbado, pediu-lhe que explicasse quem era afinal essa tal de ética que ele não conhecia e que não morava na cidade.

Percebendo que não poderia chegar a bom termo qualquer tentativa de esclarecer o *papà*, o advogado desconvencido e, para contentamento do outro, preferiu aceitar a causa, indicando ao *papà* quais seriam as primeiras providências processuais.

Genarino havia aprendido que, nas questões de cobrança, inicia-se a ação sempre procurando a parte contrária por meio de uma correspondência cortês, e orientando-a a comparecer ao escritório a fim de tomar conhecimento do que se trata. O mérito seria exposto no momento do encontro, visto que, se a correspondência fosse extraviada e aberta por terceiro, o remetente poderia ser até processado, por divulgar fato que pudesse ferir a personalidade

do destinatário.

Com essa orientação segura, cujos pormenores não adiantava transmitir ao pai, o advogado aceitou a causa. Com a caixa de sapatos em baixo do braço, dirigiu-se para seu quarto-escritório e deu início ao trabalho profissional.

Por três dias não arredou o pé de casa. Era apenas interrompido pela *mamma* para o café da manhã, pastos e lanche da tarde, quando ela, preocupada, pedia ao filho que fosse tomar um pouco de ar na praça da Matriz. Sua intenção era que ele fosse ver as normalistas, cujas mães perguntavam o que havia acontecido com Genarino, que não se via...

“Então, o advogado Genarino, endireitando a gravata, pegou do chão a pasta cartonada, retirou e abriu um envelope, e iniciou a leitura do texto: Corumbataí, dia tal, ano tal. A seguir, titulou o devedor, chamando-o de “Ilustríssimo Senhor”, e, após a citação do endereço, iniciou a carta com “Vossa Senhoria fará o obséquio...” Nesse momento, foi interrompido raivosamente pelo pai, que, perplexo, lhe pediu que repetisse o início da letra.”

Ele, porém, primando pela responsabilidade, ignorava tais apelos.

O pai, por seu turno, estava feliz. Quando lhe perguntavam pelo filho, respondia que ele estava escrevendo à máquina... todos teriam uma surpresa!

– *Generosu, dizia Amorosa, o menino fica doente se não toma ar e sol.*

– *Non si preoccupa, amore mio, ilo lavora pra nós...*

Afinal, ele havia investido com sacrifícios na educação do *figghiu*. Chegara a hora da retribuição.

Veio, então, a manhã do quarto dia.

L'avvocato Genarino levanta-se, cuida da higiene matinal e, na companhia da *mamma*, *prende u café cu biscota*. Não aceitou as guloseimas que se postavam ao lado da xícara, pois, com a barriga cheia, poderia ter um mal-estar durante a leitura que deveria fazer da centena de cartas datilografadas, ou durante a conferência da documentação a ser feita sob os olhares atentos do confiante primeiro cliente, que afinal o colocara para resolver um mundo de causas.

Lá vai ele confiante, passando pelas ruas em direção ao armazém de secos e molhados. Sisudo,

cabeça baixa, arqueado com o peso de uma pasta de arquivos cartonada, traz também consigo a mala de mão, já um pouco surrada, que usara ao tempo de estudante universitário. Eis que chega para um novo e caloroso abraço de Generosu.

– *Figghiu, figghiu, quantu lavoro che papà ti desi, ma non si scorda è per tuo bene...*

Conduziu o filho até o fundo do empório, onde havia uma mesa com algumas garrafas de vinho e caixas de figos secos italianos – era a véspera do Natal –, o que deixava pouco espaço para depositar o material que Genarino portava, obrigando-o a colocá-lo no chão.

Acomodados cada qual em uma cadeira pouco confortável, Genarino informou ao atento Generosu que já havia redigido as reclamadas cartas e que caberia então ao *papà* dar-lhe o dinheiro, para serem despachadas ao Correio.

Generosu, porém, estava sem jeito de pedir ao *figghiu* que lesse o texto da *litra*. De algum modo, poderia parecer que estava duvidando do *avvocato figghiu mio*. Enchendo-se, todavia, de coragem, e com voz mansa, perguntou ao *avvocato* se poderia ler para ele o teor da carta.

Com humilde expressão, como quem pedisse perdão em dialeto ítalo mesclado ao falar brasileiro, atreveu-se a dizer:

– *Figghiu, sarà que pote lere para mia u che ussia scrisse?*

Genarino não pensou duas vezes e disse:

– *Si, papà...*

– *Ooo! Figghiu mio, come sei buono. Liegi, liegi che ti sentirò...*

Então, o advogado Genarino, endireitando a gravata, pegou do chão a pasta cartonada, retirou um envelope, abriu-o e iniciou a leitura do texto: Corumbataí, dia tal, ano tal. A seguir, titulou o devedor, chamando-o de “Ilustríssimo Senhor”, e, após a citação do endereço, iniciou a carta com “Vossa Senhoria fará o obséquio...” Nesse momento, foi interrompido raivosamente pelo pai, que, perplexo, lhe pediu que repetisse o início da *litra*.

Não atinando com o porquê do pedido do pai, repetiu com solenidade as mesmas palavras, imaginando que fosse elogiado... Afinal de contas, o tratamento era de primeira!

Em todo caso, houve um elogio, mas nos seguintes termos:

– *Ferma, figghiu, ferma, figghiu..., ferma. Você fu para a Facoltà di Diritto e aprendeu tutto storto. Suggnu perduto! Come pode dizere, figghiu, que tudos issos farabutti, caloteros sono “Ilustrissimos Signori”?*

